

EDUCAÇÃO BASEADA EM PROJETOS

Direitos Indígenas em Foco

Caderno do professor



Roteiros
pedagógicos para
trabalhar **democracia**
no ensino médio



FUNDAÇÃO

FERNANDO
HENRIQUE
CARDOSO

Caro(a) professor(a)

A escola é um espaço emancipatório essencial para o desenvolvimento da participação política e cidadã dos estudantes. Ela deve apoiar a promoção da cidadania, estimulando os jovens a ampliarem suas habilidades de interpretação das informações e a elaborarem análises críticas sobre o papel das instituições e da democracia.

Em uma sociedade polarizada, a escola também desempenha um papel fundamental na valorização das diferenças, devendo proporcionar oportunidades enriquecedoras aos estudantes para que se envolvam e apreciem a diversidade de ideias. Ao promover a tolerância e o respeito, além de ampliar a compreensão sobre os fenômenos sociais, a escola pode contribuir para a formação de cidadãos ativos e conscientes, preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Pensando nisso, o Instituto Porvir e a Fundação FHC desenvolveram roteiros pedagógicos para apoiar a construção de projetos sobre democracia e participação nas escolas. Neste material, é apresentada uma proposta de atividade prática e significativa para abordar os direitos indígenas.

Com base na metodologia da Aprendizagem Baseada em Projetos (PBL), apresentamos recursos e atividades que possibilitam o desenvolvimento do tema com os estudantes. Cada etapa foi cuidadosamente planejada para estimular a participação ativa dos alunos, a colaboração em equipe e o desenvolvimento de habilidades essenciais.

Para facilitar a aplicação do projeto em sala de aula, organizamos o material em duas seções: no Material do(a) Professor(a), você encontra o contexto detalhado do projeto e as orientações de aplicação; já no Material do Estudante, são apresentadas orientações direcionadas aos jovens.

Recomendamos que você entregue as instruções gradualmente aos estudantes, à medida que cada etapa for concluída. Isso ajudará na compreensão do projeto em pequenas partes, dando-lhes tempo para absorver as informações, refletir e realizar as atividades propostas de maneira mais envolvente.

Encorajamos você a explorar os conteúdos, adaptando-os conforme necessário para atender aos objetivos educacionais específicos da sua turma. Sinta-se à vontade para personalizar e complementar o material de acordo com suas preferências e necessidades. Reconhecemos que cada contexto de aprendizagem é único, e suas orientações e adaptações podem enriquecer ainda mais a experiência de aprendizagem dos alunos.

Estamos confiantes de que o uso deste material resultará em uma aprendizagem significativa, estimulando a aplicação prática dos conhecimentos, o desenvolvimento do pensamento crítico, a habilidade de resolver problemas e a criatividade dos alunos. Acreditamos que essas competências essenciais serão fortalecidas e ampliadas ao longo do projeto, preparando os estudantes para enfrentar desafios do mundo real e promovendo um aprendizado duradouro.

O que é a Aprendizagem Baseada em Projetos (PBL)?

A metodologia Aprendizagem Baseada em Projetos (do inglês, PBL - Project Based Learning) é uma abordagem educacional que envolve os estudantes em iniciativas significativas e autênticas, nas quais eles podem aplicar o conhecimento e as habilidades adquiridas de forma prática e contextualizada.

Essa abordagem é bastante favorável ao processo de aprendizagem, trazendo benefícios como:

- **Engajamento:** os projetos despertam o interesse e a motivação dos estudantes, pois estão envolvidos em atividades práticas e relevantes para suas vidas. Eles se tornam protagonistas de seu próprio aprendizado, o que aumenta seu engajamento e entusiasmo;
- **Conexão com o mundo real:** a abordagem permite que os alunos apliquem o conhecimento e as habilidades em situações reais, fazendo conexões entre o conteúdo acadêmico e o mundo ao seu redor. Isso torna o aprendizado mais significativo e duradouro;
- **Desenvolvimento de habilidades essenciais:** os estudantes têm oportunidades de desenvolver habilidades importantes, como pensamento crítico, resolução de problemas, trabalho em equipe, comunicação eficaz e pensamento criativo. Essas habilidades são essenciais para o sucesso na vida pessoal e profissional;
- **Aprendizado interdisciplinar:** os projetos muitas vezes envolvem a integração de diferentes disciplinas e áreas de conhecimento, permitindo que os estudantes vejam as conexões entre os diferentes campos de estudo. Isso promove uma compreensão mais ampla dos tópicos abordados;
- **Autonomia e responsabilidade:** ao trabalhar em projetos, os estudantes assumem a responsabilidade por seu próprio aprendizado, tomando decisões e gerenciando seu tempo de forma independente. Isso desenvolve habilidades de autorregulação e responsabilidade;
- **Criatividade e inovação:** os projetos estimulam a criatividade e a busca por soluções inovadoras. Os estudantes são desafiados a pensar de maneira original e a encontrar abordagens criativas para resolver problemas complexos.

Como aplicar a Aprendizagem Baseada em Projetos (PBL)?

Existem diferentes maneiras de aplicar a Aprendizagem Baseada em Projetos. Apresentaremos aqui um dos formatos possíveis:

- **Passo 1 - Investigação:** os estudantes são introduzidos a uma questão ou problema complexo;
- **Passo 2 - Definição do problema:** com auxílio do(a) professor(a), a turma irá delimitar o problema e formular uma questão norteadora para guiar o projeto;
- **Passo 3 - Ideação:** os estudantes são incentivados a elaborar ideias criativas e inovadoras para resolver o problema ou desafio identificado;
- **Passo 4 - Planejamento:** as ideias geradas se transformam em um plano estratégico;
- **Passo 5 - Execução:** os estudantes colocam em prática as soluções e estratégias desenvolvidas;
- **Passo 6 - Socialização:** os resultados e conhecimentos adquiridos são compartilhados.

Tenha um plano B

Ao longo deste percurso pedagógico, serão apresentadas diversas propostas e sugestões de atividades para trabalhar o tema com os estudantes. Contudo, é normal que surjam obstáculos ao longo desse processo. Caso se veja diante de um entrave, esteja preparado para buscar caminhos alternativos e testar diferentes soluções com sua turma.

Desafio	Possível solução
Falta de engajamento dos alunos	Escutar os estudantes; construir objetivos de curto prazo; caso precise mudar o foco do projeto, seja flexível.
Tempo para a execução do projeto	Combinar algumas das etapas previstas para o projeto, visando reduzir o tempo de execução (como sugerido no final deste roteiro).

Índice

Ficha técnica	7
Sensibilização	9
Desenvolvimento	11
Passo 1: Investigação	12
Passo 2: Definição do problema	20
Passo 3: Ideação	25
Passo 4: Planejamento	31
Passo 5: Execução	34
Passo 6: Socialização	37
Avaliação	40

Ficha técnica

Anos: 1º ao 3º
ensino médio

Aplicação:
cerca de 10 aulas

Objetivos de aprendizagem:

- Analisar a diversidade de territórios, saberes e manifestações culturais dos povos indígenas no Brasil, reconhecendo sua importância, além de valorizar sua identidade e resistência;
- Investigar o processo histórico de conquistas e desafios dos direitos indígenas no Brasil, compreendendo os avanços legais e os retrocessos enfrentados;
- Propor ações de valorização e defesa dos direitos dos povos indígenas, contribuindo para o combate a estereótipos e a promoção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Área do Conhecimento, Competências e Habilidades Específicas, segundo a BNCC:

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

- **Competência 1:** Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.
- **EM13CHS101:** Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais
- **EM13CHS104:** Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
- **Competência 5:** Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
- **EM13CHS502:** Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

Linguagens e suas Tecnologias

- **Competência 2:** Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitar as diversidades, a pluralidade de ideias e posições e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.
- **EM13LGG202:** Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), para compreender o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.
- **Competência 3:** Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.
- **EM13LGG304:** Mapear e criar, por meio de práticas de linguagem, possibilidades de atuação social, política, artística e cultural para enfrentar desafios contemporâneos, discutindo seus princípios e objetivos de maneira crítica, criativa, solidária e ética.



Sensibilização

Antes de iniciar as etapas da Aprendizagem Baseada em Projetos é interessante sensibilizar os estudantes para o tema. Uma das estratégias mais utilizadas para esse fim é o *storytelling*, termo em inglês que faz referência a uma estratégia poderosa para envolver os estudantes no projeto. Essa abordagem consiste em contar histórias atrativas e significativas, que despertem emoções e conectem-se com as experiências e valores dos estudantes. Ao utilizar o *storytelling*, é possível despertar a curiosidade, estimular a empatia e motivar os estudantes a se engajarem ativamente no projeto. O texto “Um convite especial” é um exemplo de conteúdo que pode ser usado no início do projeto:

Imagine que você está andando por uma floresta, sentindo o cheiro da terra e ouvindo o barulho das águas correndo. Agora, tente ouvir além dos sons que seus ouvidos captam, escute as histórias que o vento carrega, os rios que têm nomes e segredos, as árvores que sussurram saberes antigos e os caminhos que revelam outras formas de entender o mundo. Para os povos indígenas, a floresta não é só um lugar, é parte de sua identidade,

de suas memórias e de seus futuros. Ouvir a floresta é ler o mundo por outras perspectivas, é perceber que existem maneiras de viver e conviver que não costumam ser reconhecidas, outras cosmovisões*.

Durante muito tempo, aprendemos uma imagem muito limitada dos povos indígenas: como se fossem todos iguais, sempre com cocar e corpo pintado, vivendo isolados na floresta, como personagens do passado. Essa imagem não só é limitada, mas perigosa. Ela apaga a diversidade, reforça estereótipos e transforma vidas reais em “folclore”. Quantas vezes você já viu escolas comemorando o “Dia do Índio” com cocares de papel e músicas que não representam a diversidade dos povos originários? Esse tipo de celebração, que muitas vezes tem o intuito de homenagear, pode acabar simplificando, esvaziando e impedindo a gente de conhecer com profundidade a riqueza da nossa história.

O problema não está só no que se ensina, mas também no que se deixa de ensinar – no silêncio sobre as histórias, as vozes e os saberes que continuam vivos e presentes

na nossa cultura. Hoje, mais de 300 povos indígenas vivem no Brasil. São centenas de línguas, saberes, rituais, técnicas de cultivo, cantos, cosmologias, espiritualidades, expressões artísticas, visões políticas, modos de ensinar e aprender. E, ainda assim, o que muitos sabem sobre eles cabe em poucas páginas — ou em caricaturas que não os representam. Os povos indígenas estão nas aldeias, mas também nas cidades, nas universidades, na política, nas redes sociais e nas escolas. Estão escrevendo livros, criando arte, cuidando da floresta, defendendo direitos. Estão resistindo ao apagamento de seus saberes — algo que chamamos de epistemicídio, quando formas de conhecimento são silenciadas e ignoradas, especialmente nos livros didáticos e nas disciplinas escolares.

A Constituição de 1988 reconheceu os direitos originários dos povos indígenas às suas terras, línguas, culturas e modos de vida. Mas nem sempre isso é respeitado. Esses direitos avançam e recuam dependendo do governo, da economia, dos interesses em jogo. De um lado, há conquistas importantes. Do outro, retrocessos que ameaçam tudo o que foi alcançado. O marco temporal, por exemplo, tenta restringir o direito dos povos às suas terras, dizendo que só podem reivindicar territórios que já estavam ocupando no dia em que a Constituição foi promulgada — o que desconsidera expulsões, massacres e violências históricas. Além disso, a luta atual enfrenta desafios graves, como o avanço do garimpo ilegal, o desmatamento e a grilagem de terras.

Falar sobre tudo isso é importante porque nos ajuda a entender que os povos indígenas não são parte de um passado distante. Eles são parte do presente e do futuro. Como diz o pensador indígena Ailton Krenak, talvez estejamos doentes porque paramos de sonhar juntos. E os povos indígenas, ao sonharem coletivamente, nos lembram que tudo está conectado: a terra, o corpo, a memória, o futuro.

A escola deve ser um espaço para escutar essas vozes, estudar essas histórias e quebrar os silêncios. É hora de deixar pra trás a ideia do “índio genérico” e se abrir para a pluralidade indígena. Conhecer essas realidades não é só um exercício de justiça, mas também uma chance de construir um futuro mais diverso, mais justo e mais conectado com a vida em todas as suas formas. Reconhecer essas vozes é entender que o cuidado com os povos indígenas é também o cuidado com o planeta e com a nossa própria existência.

Diante de tudo o que foi dito, o que desperta a sua curiosidade? O que você gostaria de entender melhor sobre os povos indígenas hoje? A partir daqui, vocês vão embarcar em um percurso de investigação. Juntos, como grupo, vão escolher um problema ou uma pergunta que seja importante e significativa para explorar. Pode ser algo ligado à cultura, à história, aos direitos, à linguagem, à arte, à resistência, ao meio ambiente. O caminho começa pela escuta, pela pesquisa e pela troca. O que vocês descobrirem pode se transformar em conhecimento, em ações, em novas perguntas. Qual história precisa ser contada?

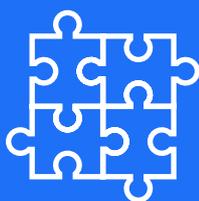
***PARA SABER MAIS**

Cosmovisões são diferentes maneiras de enxergar e interpretar o mundo. Cada cultura ou grupo social constroi sua própria visão sobre a vida, a natureza, o tempo, o sagrado e as relações entre os seres.

Enquanto a cosmovisão ocidental costuma separar razão e emoção, ser humano e natureza, outras, como as indígenas, veem tudo de forma interligada e cíclica.

Compreender cosmovisões nos ajuda a respeitar diferentes formas de saber e viver no mundo.

Sugestão de vídeo para a etapa de sensibilização: [ISA | #MENOPRECONCEITOMAIÍNDIO](#)



Desenvolvimento

Após sensibilizar os estudantes sobre a importância de respeitar os direitos e a cultura indígena, chegou o momento deles colocarem as mãos na massa e começarem a desenvolver soluções práticas para os desafios enfrentados por esses povos.

É importante que, durante todo o projeto, o professor assegure um ambiente de diálogo e troca respeitosa, cuidando para que os direitos humanos não sejam colocados em discussão com base em opiniões pessoais. É fundamental que o professor esteja atento para que opiniões que incitem o racismo ou qualquer discurso de ódio não tenham lugar nos debates abertos, intervindo sempre que necessário para reafirmar o respeito à dignidade humana e aos direitos fundamentais.

Durante o desenvolvimento do projeto, sugerimos que você organize o trabalho em torno de seis etapas fundamentais: Investigação, Definição do Problema,

Ideação, Planejamento, Execução e Socialização. Cada uma dessas fases ajudará os estudantes a estruturar suas ideias e agir de forma concreta para criar um ambiente mais acolhedor e igualitário.

Ao longo do desenvolvimento do projeto, será fundamental que os estudantes explorem como as ações que criam podem, de fato, fazer diferença no ambiente ao seu redor. Eles terão a oportunidade de refletir sobre a realidade que enfrentam dentro e fora da escola, além de poder aplicar o conhecimento adquirido para promover mudanças tangíveis, garantindo a inclusão e o respeito. A ideia não é apenas desenvolver soluções para problemas globais ou distantes, mas também pensar em como essas soluções podem se concretizar em seu próprio contexto – seja na escola, na comunidade ou em interações cotidianas. Vamos começar estimulando a investigação?



J. Branyani/istockphoto



Passo 1:

Investigação

A investigação é uma etapa crucial para aprofundar os conhecimentos acerca da temática trabalhada. O objetivo desta etapa é garantir que os estudantes consigam transcender a compreensão superficial do tema, buscando se aproximar dos desafios enfrentados pelas pessoas que enfrentam as questões em pauta.

Uma investigação bem sucedida é fundamental para que os estudantes sejam capazes de formular soluções que respondam diretamente às necessidades das pessoas afetadas.

Pesquisa inicial

O objetivo da pesquisa inicial é garantir que os estudantes dominem o vocabulário básico e que comecem a explorar as questões fundamentais que serão abordadas ao longo do projeto.

Para que os estudantes consigam ir além do senso comum e de noções preconcebidas, é importante que o professor acompanhe cada etapa da atividade, mediando as pesquisas e as discussões.

Atividade 1 – Mapeando Saberes e Territórios Indígenas

Esta atividade é uma proposta de investigação e aprendizado profundo sobre os povos indígenas no Brasil, com um foco prático na criação de um mapa visual e interativo.

O objetivo central é investigar e valorizar a diversidade cultural dos povos indígenas no Brasil, reconhecendo a importância fundamental da sua relação com a terra para a construção da sua identidade. A ser realizada em grupos, a atividade busca explorar:

- Territórios indígenas;
- Saberes tradicionais;
- Marcos históricos de suas lutas;
- Desafios que enfrentam;
- Formas de participação política.

Cada grupo será responsável por construir um grande mapa visual e interativo do Brasil. Este mapa servirá como um “ponto de encontro” das diversas dimensões da realidade indígena. As informações pesquisadas por cada grupo serão organizadas no mapa usando e abusando da criatividade, utilizando elementos como camadas sobrepostas, painéis laterais, símbolos e textos explicativos.

ETAPA 1 – Formação dos Grupos e Definição dos Temas

Divida a turma em grupos. Cada grupo ficará responsável por pesquisar um eixo temático específico relacionado à história e cultura indígena. Para cada tema, há orientações claras sobre o que pesquisar, onde e como representar visualmente no mapa, além de exemplos/dicas:

- 1. Territórios Indígenas no Brasil:** Pesquisar as principais terras indígenas (demarcadas e em disputa) por estado ou bioma. Serão representadas no mapa principal com cores e legendas. Exemplos incluem os territórios Yanomami (AM/RR), Xingu (MT), Raposa Serra do Sol (RR), Pataxó (BA), Guarani-Kaiowá (MS).
- 2. Saberes tradicionais indígenas:** Focar em práticas culturais e conhecimentos ancestrais ligados ao território. Serão inseridos no mapa principal através de notas escritas, desenhos, colagens e símbolos próximos aos territórios. Exemplos são plantas medicinais, agricultura tradicional, cosmologias, técnicas de pesca e pintura corporal.
- 3. Marcos e eventos históricos da luta indígena:** Investigar fatos importantes na conquista ou violação de direitos indígenas. Estes serão organizados em um painel lateral, com balões conectados ao mapa por linhas e datas. Alguns exemplos são a Carta da Terra dos Povos Indígenas, a Rio-92, o conflito na Raposa Serra do Sol, a Lei Arouca e a Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas.

Dica: Para saber mais sobre os marcos e eventos, uma boa fonte de informações é [Linha do Tempo sobre Direitos Indígenas da Fundação FHC](#).

4. **Desafios socioambientais contemporâneos:** Pesquisar as ameaças que os povos indígenas enfrentam atualmente. Estas serão representadas em camadas móveis transparentes (como papel vegetal ou acetato) sobre o mapa. Exemplos incluem desmatamento, grilagem, mineração ilegal, garimpo e mudanças climáticas.
5. **Participação política e defesa de direitos:** Abordar como os indígenas atuam em espaços de decisão política e na defesa de seus povos. Isso será mostrado em um painel lateral com conexões simbólicas ao mapa. Lideranças como Sônia Guajajara e Davi Kopenawa, a articulação da APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) e a participação no Congresso Nacional são exemplos.

Dica: A [Linha do Tempo sobre Direitos Indígenas da Fundação FHC](#) também traz conteúdos relevantes para apoiar a pesquisa sobre direitos e participação política dos povos indígenas.

ETAPA 2 – Montagem do Mapa Vivo

Nesta etapa, os grupos irão posicionar as informações no mapa central e nos painéis complementares. Serão utilizados recursos visuais criativos como colagens, adesivos, linhas, desenhos, símbolos e fotos. A ideia é incorporar elementos interativos, como camadas removíveis, balões móveis e fios conectando dados históricos a territórios.

ETAPA 3 – Apresentação

Cada grupo apresentará sua parte do mapa, explicando o que pesquisaram, como representaram, o que aprenderam e o que mais chamou atenção.

ETAPA 4 – Roda de Conversa Final

A atividade culmina com uma reflexão coletiva. Perguntas como “O que este mapa nos ensinou sobre os povos indígenas no Brasil?” e “Por que o reconhecimento dos territórios e saberes indígenas é importante para toda a sociedade?” poderão guiar a discussão, buscando entender os desafios do presente e como atuar na valorização das culturas indígenas.

Atividade 2 – Direitos indígenas em jogo

O objetivo é investigar a trajetória dos direitos indígenas no Brasil, desde a Constituição Federal de 1988 até os dias atuais, identificando os avanços e os desafios que ainda perduram.

O jogo pode ser desenvolvido digitalmente, com os modelos sendo impressos após o preenchimento. No entanto, caso prefira, pode utilizar materiais artesanais, como os listados a seguir.

Material:

- Papel A3, 40kg, ou craft para compor o tabuleiro;
- Cartolinas coloridas, para as cartas;
- Dado;
- Lápis de cor, tintas e pincéis, para decorar o jogo;
- Sucatas: tampas de garrafa, papelão, folhas, palitos de picolé, entre outros, para construção de peças e decoração do tabuleiro.

ETAPA 1 – Direitos em movimento

Antes de iniciar a atividade, retome com os(as) estudantes a relevância da Constituição Federal de 1988, conhecida como “Constituição Cidadã”, por representar um marco nos avanços sociais e na garantia de direitos individuais e coletivos — entre eles, os direitos dos povos indígenas.

É importante conduzir uma breve reflexão sobre como esses direitos não são estáticos ou plenamente garantidos, mas sim historicamente disputados, sujeitos a avanços

e retrocessos ao longo do tempo. Essa contextualização prepara os(as) estudantes para compreender que a atividade vai além de um jogo: trata-se de reconstruir uma trajetória de lutas, conquistas e resistências.

Dica: Use recursos visuais, notícias recentes ou trechos da Constituição para enriquecer esse momento inicial. A [Linha do Tempo sobre Direitos Indígenas da Fundação FHC](#) também apresenta marcos históricos e reforça essa discussão sobre a Constituição.

ETAPA 2 – Hora de investigar

Nesta etapa, os(as) estudantes irão aprofundar sua compreensão sobre os direitos dos povos indígenas previstos na Constituição Federal de 1988, bem como os desafios e retrocessos enfrentados desde então.

Para iniciar, organize a turma em grupos de pesquisa. Cada grupo utilizará como fontes principais:

- [Linha do Tempo sobre Direitos Indígenas da Fundação FHC](#);
- Vídeo ‘[Os indígenas na Constituinte](#)’, de Márcio Santili.

Oriente os grupos a identificar e registrar dois tipos principais de marcos históricos:

1. **Avanços legais:** leis, políticas públicas ou decisões que representaram conquistas para os povos indígenas (exemplos: criação do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena em 1999, homologação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol).
2. **Desafios e retrocessos:** propostas legislativas, decisões judiciais ou eventos que representaram ameaças ou perdas (exemplos: tese do marco temporal, avanço do garimpo ilegal).

Essas informações serão essenciais para a criação das cartas do jogo (Conquistas, Desafios e Questões).

Para facilitar a busca, você pode propor categorias temáticas para a pesquisa: Direito à terra; Saúde; Educação; Segurança alimentar; Preservação cultural; Segurança física e jurídica.

ETAPA 3 – Gamificando

Com base nas pesquisas realizadas, os estudantes deverão transformar suas descobertas na criação de um jogo de tabuleiro que represente a travessia dos povos indígenas na luta por seus direitos.

Organização das tarefas

A turma deve ser dividida em grupos, atribuindo a cada um uma das funções essenciais para a criação do jogo.

Criação do tabuleiro

O tabuleiro deve ser criado a partir de um traçado sinuoso que represente a travessia histórica dos povos indígenas na luta por seus direitos. Essa trajetória pode ser construída com base em marcos temporais ou avanços legais relevantes.

O percurso deve iniciar em 1988, com o marco da Constituição Federal, e apresentar casas que simbolizem avanços ou retrocessos, conforme os acontecimentos históricos. O ponto final do tabuleiro deve representar o ideal a ser alcançado: *a plena efetivação dos direitos indígenas*.

Para enriquecer o aspecto visual e educativo do jogo, ele pode ser decorado com imagens, símbolos ou personagens históricos, que ajudem a ilustrar momentos importantes dessa luta. Assim, o tabuleiro funcionará não apenas como parte do jogo, mas também como um material visual de aprendizagem.

Para que o jogo seja dinâmico, é importante que o tabuleiro tenha pelo menos 20 casas de seis tipos diferentes:

Tipos de casas

1. **Casa de Início** - Ícone sugerido:  (pergaminho/constituição)
 - Deve ser maior do que as demais casas.
 - Representa o ano de 1988 e o marco da Constituição Federal.
 - Pode conter o título da Constituição ou um símbolo oficial.

2. **Casa Padrão** - Ícone sugerido:  (círculo branco)
 - O jogador permanece na casa.
 - Representa momentos de estabilidade ou neutralidade no percurso.

3. **Casa Conquista** - Ícone sugerido:  (troféu de vitória ou seta de avanço)
 - O jogador deve comprar uma carta de conquista e seguir suas instruções.
 - Representa avanços e conquistas históricas dos povos indígenas.

4. **Casa Desafio** - Ícone sugerido:   (sinal de alerta ou obstáculo)
 - O jogador deve comprar uma carta de desafio e seguir as instruções.
 - Representa retrocesso, resistência ou obstáculos enfrentados na travessia.
 - Deve ser sinalizada com cor forte (como vermelho ou laranja) e ícone de dificuldade.

5. **Casa de Questão** - Ícone sugerido:  (ponto de interrogação)

- O jogador ao lado de quem caiu na casa deve ler uma carta de questão.
- O jogador responde à pergunta e segue as instruções:
 - *Caso acerte*: segue em frente ou ganha vantagem;
 - *Caso erre*: volta casas ou perde a vez.

6. **Casa Final** - Ícone sugerido:   (bandeira de chegada ou símbolo de conquista)

- Deve ser maior do que as demais casas.
- Representa a “Plena efetivação dos direitos indígenas”.
- Pode conter esse texto ou uma imagem simbólica de vitória e justiça.

Cartas do jogo



Cartas de Conquista

- Representam direitos conquistados, políticas públicas, vitórias legais, marcos culturais, entre outros.
- Devem ser criadas pelo grupo responsável, com pelo menos 10 cartas.
- Cada carta deve conter:
 - Uma breve descrição do avanço.
 - Uma ação para o jogador realizar no jogo (ex: “Avance 2 casas”).



Cartas de Desafio

- Descrevem barreiras enfrentadas, como conflitos de terra, retrocessos legislativos ou invisibilização cultural.
- A carta deve indicar uma penalidade ou consequência no jogo.



Cartas de Questão

- Contêm perguntas com base no conteúdo pesquisado pelos próprios estudantes.
- Devem apresentar uma consequência clara para acerto ou erro.

Exemplos:



CARTA DE CONQUISTA

1999

LEI AROUCA

Criação do Subsistema de Saúde Indígena.

AVANCE 2 CASAS



CARTA DE DESAFIO

1993

CONFLITOS EM RAPOSA SERRA DO SOL

Conflitos violentos marcam a disputa pela demarcação da terra Raposa Serra do Sol.

VOLTE 2 CASAS



CARTA DE QUESTÃO

QUAL FOI A IMPORTÂNCIA DA CONVENÇÃO 169 DA OIT PARA OS POVOS INDÍGENAS?

- A Garante o direito à saúde universal.
- B Reconhece o uso de suas línguas nas escolas.
- C Obriga o Estado a consultá-los sobre projetos que os afetem.
- D Elimina a FUNAI.

SE ACERTAR: AVANCE 1 CASA
SE ERRAR: FIGUE 1 RODADA SEM JOGAR

ETAPA 4 – Vamos jogar

Regras do jogo

- O jogo começa com o tabuleiro colocado no centro da mesa e as cartas organizadas em pilhas separadas, todas viradas para baixo.
- Cada peça deve ser posicionada na casa inicial do tabuleiro.
- A ordem de jogada é definida pela rolagem do dado, sendo que a equipe que tirar o maior número inicia a partida. A sequência das jogadas segue a ordem previamente estabelecida.
- A cada turno, a peça avança o número de casas correspondente ao valor obtido no dado.
- A ação a ser realizada depende do tipo da casa em que a peça parar:
 - **Casa padrão:** a peça permanece na casa até o próximo turno.
 - **Casa de conquista:** deve-se comprar uma carta de conquista do topo da pilha e seguir as instruções nela contidas.
 - **Casa de desafio:** deve-se comprar uma carta de desafio do topo da pilha e seguir as instruções nela contidas.
 - **Casa de questão:** uma carta de questão é retirada do topo da pilha e a pergunta é lida para o grupo, que tem até 1 minuto e 30 segundos para discutir e responder. Após esse tempo, a resposta é avaliada e, conforme o resultado, a ação a ser tomada é indicada pelas instruções da carta.
- Após o término da jogada de um grupo, inicia-se a jogada do grupo seguinte, respeitando a ordem definida.
- O jogo termina quando a primeira peça chegar à última casa do tabuleiro, declarando o respectivo grupo como vencedor.

ETAPA 5 – Reflexão sobre a atividade

Após a conclusão do jogo, é importante dedicar um momento para refletir sobre as aprendizagens construídas durante a atividade.

Algumas perguntas podem ser utilizadas para orientar essa reflexão:

- O que mais surpreendeu durante a pesquisa para a criação do jogo?
- De que forma o jogo influenciou na percepção sobre os povos indígenas? Pode dar um exemplo?
- Na visão de cada grupo, qual é o maior desafio enfrentado pelos povos indígenas no Brasil atualmente?

Essas questões devem ser discutidas inicialmente em grupos, permitindo um espaço para reflexão e debate. Em seguida, as respostas e pontos principais podem ser compartilhados com toda a turma, promovendo uma discussão coletiva.

Tenha um plano B

Desafio

É muito comum que os estudantes pesquisem apenas fontes que confirmem suas crenças pessoais e que rejeitem as fontes que contrariam aquilo que eles pensam, a este comportamento damos o nome de viés de confirmação. O **viés de confirmação** é um verdadeiro vilão da investigação, pois pode mascarar os dados de pesquisa, fazendo parecer que inúmeras fontes confirmam o que o grupo pensa desde o início. Você pode usar o material "Corações e Mentes: Pensando de Forma Autônoma fora e dentro da Internet", produzido pela Plataforma Democrática (Fundação FHC + Centro Edelstein de Pesquisas Sociais) como referência para a conversa.

Solução

Explicar anteriormente o que é viés de confirmação e pedir para que sempre analisem diferentes perspectivas e realizem debates.



Passo 2:

Definição do problema

Depois de conhecer mais a fundo a temática de trabalho, é importante que os estudantes delimitem o desafio específico que desejam abordar em seu projeto.

Nesta etapa, é fundamental que eles consigam articular de forma clara e objetiva que problema específico eles desejam resolver. No processo de definição do problema, o(a) professor(a) deve orientar os estudantes para que o problema escolhido seja concreto e realista e que seja oriundo das pesquisas e não de estereótipos ou generalizações.

Atividade 1 – Como podemos?

O objetivo é formular um problema de pesquisa específica e relevante a partir da investigação inicial.

ETAPA 1 – Revisão da investigação

Neste momento, é importante retomar as principais descobertas realizadas durante a fase de investigação. Para isso, recomenda-se a consulta ao mapa e ao jogo construído anteriormente, que devem permanecer acessíveis ao longo de todo o projeto.

A partir da observação dos elementos reunidos na pesquisa, o objetivo é identificar os principais desafios enfrentados pelas comunidades indígenas, com atenção especial àqueles que geram maior impacto em seus modos de vida.

ETAPA 2 – Tempestade de Ideias de Desafios

Cada grupo deve listar o maior número possível de desafios ou problemas relacionados aos direitos indígenas. A proposta é priorizar questões que possam ser exploradas dentro do contexto escolar ou da comunidade do entorno, considerando a realidade e o ambiente educativo como espaço de reflexão e transformação.

ETAPA 3 – Seleção e Refinamento

Nesta etapa, os problemas listados devem ser analisados com atenção, a fim de selecionar aquele que se mostra mais adequado para o desenvolvimento do trabalho coletivo.

Para embasar essa avaliação, podem ser utilizadas algumas perguntas-chave que favorecem o debate, como:

- **É importante?** Esse problema é realmente relevante para os povos indígenas ou para combater um preconceito?
- **Dá para fazer?** É um problema que nosso grupo consegue, de verdade, tentar resolver com o que temos (tempo, recursos)?
- **A gente se importa?** Estamos motivados e interessados em trabalhar nele?
- **É diferente?** Conseguimos trazer algo novo para essa questão?

Para tornar a avaliação mais objetiva, recomenda-se o uso de uma tabela que transforme as perguntas em critérios claros. Dessa forma, é possível atribuir uma pontuação a cada problema identificado.

Seguindo o modelo abaixo, cada participante avalia individualmente os critérios, atribuindo notas de 1 a 5.

Participante	Critério 1	Critério 2	Critério 3	Critério 4	Critério 5	Total
Problema Sugerido	Relevância	Viabilidade	Originalidade	Impacto	Motivação	
Problema A						
Problema B						
Problema C						

Outros critérios considerados pertinentes podem ser definidos coletivamente, em diálogo com a turma, de acordo com as especificidades do grupo e do projeto.

Após a avaliação de todos os problemas, os resultados obtidos na tabela permitem identificar aquele com maior pontuação geral, orientando a escolha do tema que será aprofundado nas etapas seguintes.

Problema	Part. 1	Part. 2	Part. 3	Part. 4	Total
Problema A					
Problema B					
Problema C					

ETAPA 4 – Refinando o Problema

Após selecionar o problema de trabalho, é fundamental que o grupo o torne o mais específico possível.

Para isso, o grupo deve discutir e responder de forma clara às seguintes perguntas sobre o problema escolhido:

1. **O que é** o problema?
2. **Quem** é o principal afetado pelo problema?
3. **Onde** este problema acontece?
4. **Por que** este problema ocorre?

Depois de responder a estas perguntas, o grupo deve redigir novamente o problema de trabalho, de forma que ele se torne o mais específico possível.

Exemplos: caso o problema inicial seja o *preconceito sofrido pelos indígenas*, após o processo de refinamento, ele pode ser reformulado a partir das respostas acima, gerando um novo questionamento: *Como a desinformação sobre povos indígenas pode gerar atitudes discriminatórias contra jovens indígenas na escola?*

ETAPA 5 – Formulando a pergunta norteadora

Chegou a hora de transformar o problema em uma pergunta norteadora que represente o desafio do projeto. Uma boa pergunta norteadora deve ser aberta, ou seja, não pode ser respondida com sim ou não. Além disso, é importante que ela seja inspiradora, que motive os estudantes a buscarem a resposta e, principalmente, enfatize aquilo que pode ser feito.

Metodologia “Como Podemos (HMW)?”

A metodologia “Como Podemos” é uma ferramenta utilizada para transformar problemas complexos em perguntas norteadoras específicas, voltadas para o desenvolvimento de soluções. A proposta é construir uma pergunta que traduza o problema selecionado, seguindo a estrutura: “Como podemos + ação + contexto + propósito”

Cada elemento da estrutura tem uma função específica:

- **Como podemos:** expressa a intenção de buscar soluções;
- **Ação:** define claramente o que se pretende fazer;
- **Contexto:** indica onde ou para quem a solução será criada;
- **Propósito:** explicita a importância de resolver o problema e o impacto esperado.

Esses elementos devem ser apresentados e discutidos antes da formulação da pergunta, garantindo que a construção seja consciente e alinhada ao objetivo do projeto.

Exemplos:

- **Problema identificado:** Estudantes conhecem pouco sobre a diversidade cultural dos povos indígenas no Brasil, o que pode reforçar estereótipos.
- **Pergunta norteadora (HMW):** Como podemos valorizar a diversidade cultural dos povos indígenas no ambiente escolar, promovendo conhecimento e respeito às suas tradições e modos de vida?
- **Problema identificado:** Os povos indígenas enfrentam dificuldades para garantir a demarcação de seus territórios, o que compromete seus direitos e modos de vida.
- **Pergunta norteadora (HMW):** Como podemos ampliar a conscientização sobre a importância da demarcação de terras indígenas, fortalecendo o respeito aos direitos originários?
- **Problema identificado:** Há pouca representatividade indígena nos materiais didáticos utilizados na escola.
- **Pergunta norteadora (HMW):** Como podemos tornar os materiais escolares mais representativos das culturas indígenas, contribuindo para uma educação mais inclusiva e plural?

ETAPA 6 – Apresentação da pergunta norteadora e *feedback*

Após a construção das perguntas norteadoras, é recomendável que elas sejam compartilhadas em um momento de escuta e troca entre os grupos. Esse processo permite que diferentes perspectivas contribuam para o aprimoramento das formulações.

Durante a apresentação, é possível realizar uma análise coletiva, considerando aspectos como clareza da pergunta, especificidade em relação ao problema abordado e coerência com o desafio identificado anteriormente.

Com base nas observações recebidas, cada grupo pode revisar e reformular sua pergunta norteadora, caso identifique oportunidades de melhoria. Essa etapa fortalece a construção colaborativa do projeto e amplia a consciência sobre a relevância e a direção das investigações.

Tenha um plano B

Desafio	Solução
Dificuldade em delimitar um problema viável e claro para o projeto.	Incentivar a subdivisão do problema em aspectos menores e mais manejáveis e investir tempo na construção de uma boa pergunta norteadora.



Passo 3:

Ideação

Agora que os estudantes já fizeram a pergunta norteadora e conseguiram identificar o problema, chegou o momento de estimular a construção de ideias criativas e inovadoras para resolvê-lo. A fase de ideação é fundamental para que os estudantes consigam explorar diferentes possibilidades de solucionar o desafio escolhido.

Para isso, os estudantes devem ser incentivados a pensar de forma original, sem medo de errar. O objetivo desta etapa não é encontrar uma solução definitiva, mas buscar o máximo de possibilidades para, então, selecionar aquelas mais viáveis.

Durante esse percurso, o professor deve fomentar a criação de um ambiente aberto e colaborativo, onde as propostas dos estudantes sejam valorizadas. Incentive os estudantes a pensarem além do óbvio, fazendo conexões com conhecimentos de diversas áreas e investigando referências de soluções nacionais e internacionais para o problema.

Atividade 1 – Portfólio de soluções

O objetivo é investigar soluções já desenvolvidas – como políticas públicas, ações institucionais e projetos sociais – relacionadas às perguntas norteadoras formuladas anteriormente, identificando tanto o potencial quanto as limitações de cada uma.

ETAPA 1 – Contextualização

Antes de iniciar uma nova rodada de pesquisa, é importante compreender o propósito deste momento: analisar iniciativas já existentes que buscam responder aos desafios levantados. Conhecer essas soluções contribui para a construção de propostas mais consistentes, pertinentes e inovadoras, evitando a repetição de ações e possibilitando avanços a partir de aprendizados já acumulados.

ETAPA 2 – Pesquisa de soluções já existentes

Com base na pergunta norteadora formulada anteriormente, inicia-se agora uma etapa voltada à investigação de soluções já existentes relacionadas ao problema em estudo. O objetivo é compreender o que já foi feito, por quem, com quais resultados e quais desafios ainda permanecem. Essa pesquisa contribui para a construção de propostas mais fundamentadas, relevantes e criativas.

Para tornar a busca mais focada e aprofundada, recomenda-se organizar as informações nas seguintes categorias:

- **Políticas Públicas:** Leis, programas governamentais ou ações institucionais que busquem enfrentar os desafios relacionados aos direitos indígenas. Exemplos incluem programas de saúde voltados a povos originários, iniciativas de educação escolar indígena, políticas de demarcação de terras, entre outros.
- **Projetos Sociais e Iniciativas da Sociedade Civil:** Ações promovidas por organizações não governamentais, coletivos, movimentos sociais e comunidades indígenas que visem a valorização cultural, o fortalecimento da autonomia, o desenvolvimento sustentável ou a defesa de direitos.
- **Iniciativas Artísticas e Culturais:** Obras e expressões culturais que tratem dos direitos indígenas, proponham reflexões críticas ou ampliem a visibilidade das lutas e saberes dos povos originários. Isso pode incluir filmes, exposições, livros, músicas, festivais, entre outros.

- **Inovações Tecnológicas:** Tecnologias e ferramentas digitais criadas ou adaptadas para apoiar os direitos indígenas, como plataformas de denúncia, mapeamentos colaborativos, sistemas de vigilância territorial ou meios de difusão cultural.

Além de realizar o levantamento das iniciativas, é essencial analisar cada uma delas com atenção, considerando critérios como alcance, impacto, limitações e lições aprendidas. Essa avaliação será importante no momento de formular propostas autorais.

É importante que os estudantes aprofundem suas próprias pesquisas e criem intimidade com o contexto de mobilização em prol dos direitos indígenas. Para começar a tarefa, o professor pode sugerir algumas fontes básicas de pesquisa, indicadas a seguir.

- [Funai](#)
- [Ministério dos Povos Indígenas](#)
- [Instituto Socioambiental](#)
- [Conselho Indigenista Missionário \(CIMI\)](#)
- [Articulação dos Povos Indígenas do Brasil](#)
- [Fundação Brasil de Direitos Humanos](#)
- [Linha do Tempo sobre Direitos Indígenas da Fundação FHC](#)

É importante que o levantamento de soluções já existentes não se limite à coleta de informações, mas inclua uma análise criteriosa de cada iniciativa. Avaliar essas soluções com base em critérios específicos contribui para a construção de um repertório que será útil no momento de desenvolver propostas autorais. Para isso, recomenda-se o uso de uma ficha de avaliação, que poderá ser incorporada ao portfólio do grupo.

Modelo de ficha para avaliação de soluções:

FICHA DE AVALIAÇÃO DE SOLUÇÃO

Nome da solução/iniciativa:

Descrição breve (O que é a solução? A que problema ela se propõe resolver?):

Responsável pelo desenvolvimento (Órgão governamental, ONG, movimento social, comunidade, etc.):

Público-alvo (A quem se destina?):

Principais resultados (O que foi conquistado com a solução?):

Pontos fortes (Em que aspectos a solução se destaca?):

Desafios ou limitações (O que a solução não consegue resolver?):

ETAPA 3 – Análise e discussão das soluções

Após o preenchimento da ficha, os grupos devem compartilhar e discutir as soluções analisadas, buscando compreender de que forma os problemas identificados vêm sendo (ou não) enfrentados.

Esse momento é essencial para reconhecer quais necessidades ainda não foram plenamente atendidas. As propostas que serão desenvolvidas posteriormente devem se orientar por essas lacunas: seja alcançando um público não contemplado, oferecendo uma abordagem mais efetiva para um desafio específico, ou apresentando uma ideia original com potencial transformador.

Para orientar a análise coletiva e favorecer o aprofundamento, podem ser utilizadas perguntas mobilizadoras como:

- Qual das soluções encontradas foi mais inspiradora? Por quê?
- Em que medida essa solução se conecta com a pergunta norteadora do projeto?
- Que elementos dessa proposta poderiam ser adaptados ou aprimorados para o contexto de trabalho atual?
- Que obstáculos essa iniciativa enfrentou e como eles foram superados (ou não)?
- Essa solução poderia ser aplicada em nosso contexto? Que ajustes seriam necessários?
- O que ainda precisa ser feito, considerando os limites das soluções encontradas?

É possível que diferentes soluções despertem interesse dentro do mesmo grupo. Isso não representa um problema. O foco desta etapa não está na adoção de uma solução pré-existente, mas no desenvolvimento de repertório crítico que sustente a criação de propostas autorais, pertinentes e contextualizadas.

Atividade 2 – Pote de Ideias

Chegou o momento de imaginar novas soluções para o desafio do grupo. A ideia aqui é abrir espaço para a criatividade e para a escuta, construindo um repertório autoral a partir do que já foi pesquisado. Nesta fase, o mais importante é ter muitas ideias, sem julgamentos e sem se prender, de início, a limitações como tempo, recursos ou viabilidade.

ETAPA 1 – Preparação

Cada grupo receberá um pote (ou envelope/caixa) e dois blocos de post-its de cores diferentes (por exemplo, amarelo e azul). O professor pode dispor algumas perguntas inspiradoras no quadro ou em um cartaz para ajudar a abrir a mente e estimular a imaginação. Aqui vão algumas sugestões:

- E se tempo e recursos não fossem um problema?
- E se conseguíssemos mobilizar a comunidade de forma significativa?
- E se a tecnologia fosse uma aliada?
- E se essa solução pudesse influenciar políticas públicas?
- E se aprendêssemos algo com o modo como outras culturas enfrentam esse desafio?

Essas perguntas não precisam ser respondidas diretamente — elas servem para ajudar a pensar “fora da caixa”. O professor pode propor outras, dependendo da turma e do tema do projeto.

ETAPA 2 – Ideação individual

Durante alguns minutos, cada integrante do grupo irá imaginar soluções livremente e anotar suas ideias individualmente nos post-its de uma das cores (por exemplo, a amarela). Vale qualquer ideia, por mais ousada, simples ou inesperada que pareça. O importante é registrar muitas possibilidades.

Ao final desse momento, todos os post-its serão depositados no pote do grupo, criando um estoque criativo coletivo.

ETAPA 3 – Ideação colaborativa (Aperfeiçoamento)

Agora é hora de olhar para o pote e, juntos, seguir criando. Cada integrante do grupo irá tirar um post-it com uma ideia e pensar em como ela pode ser melhorada, ampliada ou adaptada. Essa nova versão será registrada nos post-its da outra cor (por exemplo, azul) e também colocada no pote.

As ideias não precisam ser perfeitas, nem definitivas. O que se busca neste momento é potencializar as propostas, olhando para elas com outros olhos, incorporando sugestões, experiências e diferentes pontos de vista.

ETAPA 4 – Finalização da Atividade

Agora que o pote está cheio de ideias criadas individualmente e em grupo, é hora de dar um novo passo: começar a pensar quais dessas propostas podem se transformar em soluções concretas.

Nem toda ideia precisa ser viável de imediato. Algumas podem servir como inspiração para outras ações ou ficar guardadas para o futuro. O mais importante, neste momento, é fazer uma escuta atenta ao que o grupo deseja transformar e começar a organizar o que pode ser colocado em prática com os recursos e o tempo disponíveis.

Para isso, cada grupo pode:

- Espalhar todas as ideias sobre uma mesa ou mural;
- Agrupar as que se parecem ou se complementam;
- Escolher aquelas que mais se alinham com os objetivos do projeto e com os impactos desejados.

Depois, o professor pode lançar algumas perguntas provocadoras para ajudar na priorização:

- Quais dessas ideias poderiam ser iniciadas com os recursos que temos hoje?
- Quais exigiriam mais tempo, articulações ou investimentos?
- Alguma ideia poderia ser adaptada para se tornar mais viável?
- O que é essencial fazer agora? E o que pode ficar para uma segunda etapa?
- Se precisássemos escolher apenas uma ação para começar, qual seria?

Essas reflexões ajudarão a transitar da fase da imaginação para a fase do planejamento, onde o grupo poderá definir os próximos passos com mais clareza, levando em conta tempo, parcerias, recursos e desafios.

Dica final: guardar o pote com todas as ideias é uma forma simbólica de lembrar que a criatividade do grupo é um recurso inesgotável. Mesmo ideias que não forem usadas agora podem reaparecer em outro momento, de outro jeito.

Tenha um plano B

Desafio

Geração de ideias não óbvias, mas realmente originais e relevantes para o problema proposto.

Solução

Utilizar técnicas de tempestade de ideias estruturado e combinação de ideias de diferentes estudantes, como os exemplos propostos nas atividades da etapa de ideação.



Luzo Reis/istockphoto



Passo 4:

Planejamento

O planejamento é uma fase fundamental do projeto. Nesta etapa, os estudantes serão incentivados a construir um plano estratégico para implementar soluções capazes de gerar impacto na efetivação dos direitos dos povos indígenas. Para que isso aconteça, sugerimos que você oriente a turma na definição de objetivos específicos, no levantamento de recursos necessários e na antecipação de possíveis desafios para colocar a proposta em prática.

O planejamento deve levar em conta as especificidades culturais, sociais e territoriais envolvidas no problema de trabalho de cada grupo, para que a solução proposta seja sensível, viável e significativa.

A construção de um planejamento estruturado ajuda os estudantes a construir propostas mais concretas e seguras e gerar mais impactos na comunidade. Para tanto, é importante que os estudantes:

- a. Definam objetivos específicos, identificando quais são os resultados esperados com a solução proposta e como eles poderão verificar se o impacto efetivamente pode acontecer;
- b. Identifiquem quais são os recursos necessários para executar a solução, incluindo: materiais, financiamento, apoio de pessoas especializadas no tema ou possíveis parcerias com a comunidade ou com a escola;
- c. Organizem o processo de implementação, identificando os passos necessários para a concretização da ideia e quem será responsável por cada etapa do processo;
- d. Pensem nos possíveis desafios para colocar a proposta em ação e como contorná-los.

Atividade 1 – Mapa da Execução

O objetivo é ajudar os alunos a estruturar a solução desejada em etapas organizadas e realistas, garantindo que cada ação necessária seja planejada com clareza.

Passo a passo:

a – Desenho do mapa: peça aos estudantes para criarem um Mapa da Execução com cinco colunas:

- 1. Objetivo principal (o que pretendem alcançar com o projeto?)**
Os estudantes devem identificar e descrever claramente os resultados que desejam alcançar com as soluções, além de pensar no impacto almejado e nos problemas que querem resolver.
- 2. Ações necessárias (quais passos precisam ser estruturados para que consigam implementar a solução?)**
Os estudantes devem organizar suas ideias e criar um roteiro passo a passo que descreva as etapas necessárias para a implementação das soluções. Aqui eles devem incluir todas as atividades e tarefas importantes.
- 3. Responsáveis (quem ficará responsável por cada ação?)**
Nesta coluna, os estudantes precisam identificar quais integrantes do grupo ficarão responsáveis por cada ação do projeto.
- 4. Recursos necessários (o que será necessário para colocar a solução em prática?)**
Aqui eles devem identificar os materiais, equipamentos ou outros recursos que serão necessários para implementar as soluções e fazer uma lista completa desses recursos.
- 5. Prazos (quando cada etapa do projeto deve ser concluída?)**
É fundamental que os estudantes indiquem os prazos de cada etapa para que o projeto seja exequível.

b – Revisão e ajustes: depois de preencherem o mapa, os grupos precisam verificar se a proposta é realista e viável, fazendo ajustes quando necessário.

É importante que os estudantes estejam preparados para mudar o plano à medida que avançarem. Às vezes, será necessário adaptar e modificar o plano inicial para lidar com novas informações ou circunstâncias. Lembre-se de que o planejamento é uma parte importante do processo, pois ele ajudará a guiar as ações e tornar as soluções mais eficazes.

c – Socialização: cada grupo deve compartilhar seu planejamento e receber devolutivas dos colegas e do professor para possíveis melhorias dessa etapa.

Mantenha uma comunicação aberta e constante dos membros da equipe entre si e com os professores. Incentive que compartilhem suas ideias, discutam os planos e estejam dispostos a colaborar uns com os outros.

Tenha um plano B

Desafio	Solução
Traduzir as propostas de ação em um plano de ação concreto, realista e viável.	Apresentar aos estudantes ferramentas de apoio à tarefa, tais como cronogramas (definição de prazos adequados para cada tarefa), listas de tarefas , matrizes de responsabilidade (mapear todas as tarefas necessárias e um responsável para cada uma) e listas de recursos (mapear tudo o que é necessário para executar o projeto).



Passo 5:

Execução

Depois de planejar detalhadamente o desenvolvimento da solução, chegou a hora de botar a mão na massa e dar vida à solução pensada pelo grupo. O objetivo desta etapa é que os estudantes implementem tudo que foi proposto no Mapa de Execução para desenvolver a solução do desafio do projeto.

É importante que o professor acompanhe com atenção a execução da solução, para assegurar que os estudantes consigam lidar com imprevistos e criar alternativas para superar possíveis obstáculos enfrentados.

Atividade 1 – Diário de Bordo

O objetivo desta atividade é assegurar o registro das atividades desenvolvidas no processo de execução do projeto, para que seja possível avaliar as escolhas tomadas para a condução das atividades.

Cada estudante, em seu material (caderno ou digital), criará um Diário de Bordo. É importante que este documento contenha uma cópia do Mapa de Execução, que será usado para monitorar o desenvolvimento do projeto.

ETAPA 1: Registro do Percurso

Para facilitar a atividade de registro, sugere-se a utilização de um guia, como o apresentado no modelo a seguir.

MODELO DE GUIA DE REGISTRO

Ações do Mapa de Execução iniciadas ou concluídas:

Desafios enfrentados (dificuldade de conseguir material, perda de prazo, divergências no grupo):

Estratégias de superação (o que o grupo fez para enfrentar os desafios):

Conquistas (o que pode ser considerado uma vitória):

Reflexões pessoais:

ETAPA 2: Compartilhamento e reflexão em grupo

1. **Roda de Conversa:** Em seus grupos, os estudantes compartilham seus registros do Diário de Bordo.
2. **Perguntas para Reflexão:** O professor pode guiar a discussão com perguntas como:
 - Quais foram as ações mais fáceis/difíceis de começar? Por quê?
 - Vocês já precisaram adaptar algo do plano inicial? Como fizeram isso?
 - Existe algum obstáculo que parece intransponível neste momento? Como podemos pensar juntos para superá-lo?
 - O que vocês já aprenderam sobre trabalho em equipe nesta fase?
 - Qual a maior "conquista" do grupo até agora na execução?

Tenha um plano B

Desafio	Solução
Engajar e motivar os estudantes mesmo diante da complexidade e obstáculos do desenvolvimento da solução.	Acompanhamento contínuo por meio de reuniões regulares de acompanhamento, definição de marcos e <i>checkpoints</i> , com valorização das pequenas conquistas, promoção de momentos de reflexão individual e em grupo, para que os estudantes possam reconhecer suas aprendizagens e identificar formas de superar os próprios desafios.



Passo 6:

Socialização

Após a conclusão do projeto, é essencial que os estudantes compartilhem com a comunidade os resultados alcançados, evidenciando como suas ações contribuíram para fortalecer o respeito, a escuta e o reconhecimento dos direitos dos povos indígenas.

A socialização nesse contexto não é apenas um momento de exibição, mas uma ação política e pedagógica: trata-se de tornar

visível uma causa que muitas vezes é invisibilizada, e de ampliar a consciência coletiva sobre a pluralidade dos povos indígenas no Brasil.

Ao preparar esse momento, incentive os estudantes a pensarem em como construir pontes com diferentes públicos, adaptando a linguagem, os recursos visuais e o formato de apresentação.

Estratégias de socialização para diferentes públicos:

Público-alvo	Estratégias recomendadas
Outros estudantes	Roda de conversa com convidados indígenas, mostra de vídeos, podcast com bastidores do projeto.
Comunidade escolar	Feira de saberes, instalação sensível com fotos e objetos, varal de frases com mensagens dos estudantes.
Representantes indígenas	Apresentações respeitosas e dialogadas, escuta aberta, entrega simbólica de produções.
Famílias	Mural ou exposição interativa na escola, convite para oficinas com base nos saberes tradicionais.
Parceiros externos	Envio de mini documentários, jornais ou revistas com os resultados, encontros presenciais ou online.

Atividade 1 – A história do projeto

O objetivo é comunicar o valor do projeto de forma sensível, respeitosa e impactante, por meio de narrativas envolventes baseadas em *storytelling*.

ETAPA 1 – Antes de contar: perguntas orientadoras

Oriente os estudantes a refletirem coletivamente sobre:

- **Qual o desafio enfrentado por povos indígenas que o projeto escolheu abordar?**
Exemplo: invisibilidade na mídia, apagamento de saberes, preconceito na escola, negação da territorialidade.
- **O que aprendemos durante o processo? Quais encontros ou desconfortos nos transformaram?**
Exemplo: momentos marcantes de escuta dos indígenas, revisões de ideias pré-concebidas, dilemas enfrentados.
- **Como o nosso projeto contribui para promover o respeito e a valorização dos povos indígenas?**
- **O que torna essa proposta importante e única? Como ela se conecta com a luta por justiça?**
- **Que imagens, sons ou objetos ajudam a contar essa história?**
Exemplo: registros de entrevistas, trechos de cantos ou línguas indígenas, fotos, mapas, desenhos, sementes, símbolos gráficos.
- **De que forma podemos tornar essa história envolvente?**
Pensem nos personagens (protagonistas, aliados), nos cenários (escola, comunidade, território), no conflito e na transformação.
- **Qual é a melhor forma e o melhor lugar para contar essa história?**
Mural interativo? Documentário? Podcast? Performance teatral? Instalação sensível? Painel coletivo?

ETAPA 2 – Estrutura narrativa

1. **Apresentação:** introduzam o desafio abordado de forma forte e clara, como um problema real que afeta os direitos indígenas.
2. **Desenvolvimento:** relatem o caminho percorrido, as descobertas feitas e os desafios enfrentados. Mostrem o que aprenderam e construíram.
3. **Culminância:** destaquem o impacto da solução. O que mudou? Como essa proposta pode inspirar outras pessoas a se posicionarem em defesa dos direitos indígenas?

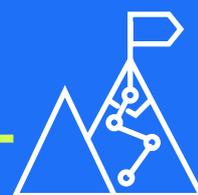
ETAPA 3 – Valorizando a produção

Proponha um momento especial de exibição e escuta:

- Crie um espaço de destaque: uma sala ambientada, um painel no pátio, um podcast no site da escola, um curta-metragem na mostra cultural;
- Incentive perguntas abertas: o que tocou você? O que você aprendeu? O que gostaria de perguntar para o grupo?;
- Estimule *feedbacks* respeitosos e construtivos;
- Registrem o momento com fotos, vídeos ou trechos de falas marcantes.

Tenha um plano B

Desafio	Solução
Garantir que a socialização seja relevante e que gere aprendizado tanto para os estudantes quanto para o público.	Conectar os projetos e a apresentação com o contexto dos estudantes e do público, adequando a linguagem ao público alvo e ao formato da apresentação.



Avaliação

A avaliação processual desempenha um papel fundamental no PBL, pois permite acompanhar o desenvolvimento dos estudantes ao longo das diferentes etapas do trabalho, promovendo uma aprendizagem mais profunda e significativa. Esse tipo de processo avaliativo busca fornecer orientação e apoio contínuo, incentivando a reflexão sobre a própria aprendizagem, o desenvolvimento do senso de autocrítica e a busca por melhorias constantes.

Para organizar o processo avaliativo, é recomendado o uso de rubricas, que fornecem critérios claros e específicos de avaliação, possibilitando uma abordagem objetiva e consistente. As rubricas são guias de avaliação que descrevem os padrões de desempenho esperados em cada etapa do projeto. Elas ajudam os estudantes a compreenderem os requisitos e as expectativas, além de fornecer uma base para avaliar seu trabalho. As rubricas auxiliam também os professores a avaliarem de forma justa e coerente, oferecendo *feedback* construtivo e identificando áreas de melhoria.

Ao utilizar rubricas, é possível avaliar diferentes aspectos do projeto, como a qualidade da pesquisa, a criatividade das soluções propostas, a colaboração em equipe, a comunicação efetiva e outros critérios relevantes. Dessa forma, os estudantes têm uma compreensão clara dos critérios pelos quais serão avaliados, permitindo que se esforcem para alcançar os objetivos estabelecidos.

Outra possibilidade interessante de acompanhar o percurso dos estudantes ao longo do PBL é sugerir a criação de um portfólio. Com uma coleção organizada de trabalhos, registros e reflexões, eles documentam seu processo de aprendizagem e evidenciam conquistas. No portfólio, os estudantes podem incluir amostras de seus trabalhos, como relatórios, anotações, protótipos, fotografias, vídeos ou qualquer outra forma de registro que represente as etapas caminçadas. Podem também adicionar reflexões sobre suas experiências, destacando seus desafios, aprendizados e os aspectos que consideram mais significativos.

Você também pode usar outras formas de avaliação processual. Confira:

- Observação em sala de aula: os(as) professores(as) podem observar ativamente a participação, o engajamento e o trabalho em equipe durante as atividades do projeto.
- Registros individuais e em grupo: os estudantes podem manter registros individuais ou em grupo, documentando o processo de investigação, as estratégias utilizadas e os desafios enfrentados ao longo do projeto.
- Apresentações intermediárias: os estudantes podem realizar apresentações intermediárias, compartilhando os progressos, os resultados parciais e recebendo *feedback* dos colegas e dos(as) professores(as).
- Revisões e *feedback* contínuo: os estudantes podem receber *feedback* regularmente durante o projeto, permitindo que façam ajustes e melhorias em seus trabalhos.
- Autoavaliação e coavaliação: os estudantes podem refletir sobre seu próprio desempenho e realizar avaliações mútuas entre colegas, fornecendo *feedback* construtivo e identificando áreas de melhoria.

Tenha um plano B

Nem sempre temos o tempo que gostaríamos – ou que precisamos – para desenvolver as atividades pedagógicas com nossos estudantes. Isso pode ser ainda mais evidente quando se trata do trabalho com PBL, que preconiza muitas etapas, dedicação de tempo para a realização das atividades em cada uma delas e, sobretudo, tempo para reflexão sobre as atividades. Nos casos em que a execução do projeto com todas as suas etapas for inviável, existem algumas estratégias que podem ser úteis para que a essência do projeto não se perca e o tempo de execução seja reduzido.

Combine etapas: Uma alternativa para situações em que o tempo é limitado é reduzir as etapas do projeto de seis para três, combinando duas etapas em uma. Dessa forma, na versão condensada do PBL, as etapas ficam organizadas da seguinte maneira:

Etapa 1: Exploração (Investigação + Definição do problema)

Etapa 2: Criação (Ideação + Planejamento)

Etapa 3: Ação (Execução + Socialização)

Elimine alguns passos do processo: Caso o tempo disponível não seja o suficiente para o desenvolvimento completo da solução almejada, é possível focar apenas na produção de planos, protótipos, ou simulações da solução. Por exemplo, caso a solução do projeto seja uma campanha de conscientização, o(a) professor(a) pode orientar os estudantes a apresentarem todo o planejamento da campanha: tipos de mídia que serão utilizadas, materiais necessários, tipos de peças publicitárias a serem veiculadas, cronograma de divulgação das diferentes peças em diversas mídias etc.

Reduzir a etapa de socialização: Uma estratégia muito utilizada para poupar tempo no trabalho com projetos é optar por socializações mais simples, ocupando a maior parte do tempo com as outras etapas e privilegiando a socialização em pequenos grupos, ou registros escritos.

Expediente

Este roteiro pedagógico foi inspirado pelo projeto “*Linhas do Tempo*”, desenvolvido pela Fundação FHC para retratar a história social e política do Brasil entre 1985 e 2018. Neste registro histórico, são levantados temas centrais para a construção da cidadania e da democracia no Brasil: direitos de minorias (negros, mulheres, indígenas, LGBTQIAPN+), meio ambiente, uso e propriedade da terra, educação e saúde.

Porvir

Diretora Executiva:

Tatiana Klix

Idealização

do projeto:

Marina Lopes

Regiany Silva

Tatiana Klix

Edição do roteiro:

Danilo Mekari

Autoria do roteiro:

Renata Salomone

Heloize Charret

Direção de arte:

Regiany Silva

Diagramação:

Regiany Silva

Revisão de texto:

Danilo Mekari

Fundação FHC

Direção Geral:

Sergio Fausto

Cocriação temática e revisão técnica do roteiro:

Beatriz Kipnis

Isabel Penz

Sergio Fausto



FUNDAÇÃO

FERNANDO
HENRIQUE
CARDOSO